

**“SILÊNCIO, POR FAVOR!”: notas sobre a bagunça e ordem no ambiente escolar****Gregor C. ERBISTE<sup>1</sup>****RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo propor um novo olhar sobre a “bagunça”, principalmente no que diz respeito a sua natureza, bem como analisar a “ordem” em sala de aula. As observações aqui presentes dizem respeito ao período de estágio em unidades da rede estadual de ensino localizadas na cidade de Alfenas, Minas Gerais. De modo geral, o que se observa é a presença de duas naturezas distintas nas abordagens sobre “bagunça” e “ordem”. Nessa, encontramos a “ordem pelo medo” e “ordem pelo respeito”, enquanto naquela, as abordagens tendem a “bagunça por desinteresse/desrespeito” e “bagunça por anseio de participação”.

**Palavras-chave:** Escola; Educação; Estágio.

**1. INTRODUÇÃO**

Algo que se tornou comum nos meus pensamentos sobre a sala de aula foi a “bagunça” e a “ordem”, entre aspas exatamente por não ser algo que, no caso proposto, possui em si uma definição concreta. É interessante observar como existe uma variação no que diz respeito a esses conceitos, de sala para sala. Se em um ambiente, a bagunça é simplesmente a falta de disciplina que os estudantes manifestam, em outro se torna o anseio massivo, que é demonstrado pelos estudantes em algumas situações, de participar da aula. Em um movimento similar, ora a “ordem” se apresenta pelo medo – seja de castigos físicos e, hoje, da reprovação nos vestibulares –, ora pelo respeito para com o professor. Dessa maneira, buscou-se adentrar na questão da “bagunça” e da “ordem” na sala de aula, no intuito de observar a natureza dessas ações, bem como a relação com a sala em que se manifestam e a resposta do professor.

**2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

É bastante frequente que nos deparemos com pesquisas que tem como objeto a escola, ou mesmo elementos específicos desse ambiente. Pode-se citar o caso de Dubet (1997) que reflete sobre a sua experiência de um ano como professor de História e Geografia em um colégio da periferia de Bordeaux, França. O autor discorre acerca das dificuldades de ser professor, bem como a maneira que encontrou de contornar tais dificuldades. O intuito, ao ministrar aulas, era de em primeiro lugar, buscar compreender os discursos dos professores em relação a prática pedagógica, que considerava demasiado dramático. Em segundo lugar, procurava ter uma imagem mais concreta dos problemas da docência. É válido, no entanto, apontar que o tema da docência, ou mesmo da

---

<sup>1</sup> Graduando em Ciências Sociais na Universidade Federal de Alfenas. E-mail: gregorccastro@gmail.com

relação entre professor e estudante, não são os únicos que podem ser extraídos do ambiente escolar. Qualquer que seja o tema escolhido, dentro o espectro de possibilidades possíveis, deve-se ter em mente a maneira como a observação será conduzida. Para tanto algumas estratégias devem ser consultadas.

Diante disso, Oliveira (2000), discorre sobre elementos que julga serem essenciais para o desenvolvimento de uma pesquisa, são eles o *olhar*, o *ouvir* e o *escrever*. O primeiro diz respeito a observar os lugares, as pessoas, os elementos, e a partir das leituras e do arcabouço teórico, formular hipóteses sobre aspectos da vida cotidiana do grupo ou fenômeno que se pretende observar. Muitas vezes, a observação não é suficiente para contemplar todos os aspectos do grupo, sendo necessário invocar o *ouvir*. O autor salienta a necessidade de uma relação mais intimista, no intuito de fazer-se “fundir os horizontes” dos dois atores envolvidos. Apenas nesse momento, em que o diálogo se mostra enquanto via de mão dupla, que o *ouvir* se mostra em sua forma matriz. O terceiro aspecto diz respeito ao exercício de teorizar sobre o que foi observado e ouvido durante a estadia no grupo, deve-se pensar enquanto “estando aqui”, já fora do grupo, onde o exercício cognitivo de fato ocorre e se pode teorizar sobre o grupo.

### **3. MATERIAL E MÉTODOS**

Este trabalho foi realizado utilizando uma metodologia qualitativa, tendo como principais técnicas a observação participante e o diário de campo, ambos realizados no período de estágio realizado por mim em unidades da rede estadual de ensino.

### **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Quando pensamos na bagunça em sala de aula, geralmente temos em mente a imagem de jovens hiperativos que, ignorando a autoridade da figura do professor, provocam um cenário de completo caos. Isso pode ser facilmente identificado ao se procurar o tema em mecanismos de busca como o *Google*, por exemplo, onde diversas imagens nos apresentam jovens em cima de carteiras e a figura desolada do professor em algum canto da sala. Essas imagens contribuem para a representação que temos da bagunça, como algo que deve ser combatido, de modo a estabelecer a “ordem” dentro da sala de aula. A proposta desse trabalho é discutir sobre a bagunça e a ordem, possíveis relações entre elas e, principalmente, propor uma definição para estes dois termos.

O entendimento da bagunça em sala de aula, como um movimento regado por falta de disciplina e desinteresse pode ser majoritário, mas, não deve ser generalizado. É notório que cada sala é composta de indivíduos distintos, que agem de maneira distinta. Dessa forma, dentro de uma mesma escola ou série escolar, é possível observar diferentes comportamentos, que reforçam a ideia de que há mais de uma origem para a bagunça.

No que pude observar durante minha experiência como estagiário de unidades da rede estadual de ensino, algumas salas de aula se comportam de maneira diferente. Diferente pois, ao contrário das demais salas, buscavam maciçamente participar das aulas, e também, porque os estudantes que queriam participar eram exatamente aqueles que, em outras salas, gerariam desordem. Digo isso por ter observado que, em todos os casos em que o professor perdia o controle da sala, essa desordem partia de um estudante, ou mesmo de um pequeno grupo, seja pela facilidade de falar perante o professor, ou simplesmente por falar tão alto, que acabavam por sobrepor a voz do professor. E essas características são as mesmas daqueles que buscavam participar nas aulas. Seja por falar alto ou ter mais facilidade, essas pessoas são a porta de entrada dos outros estudantes na ação, desordem ou participação. O que vai diferenciar uma ação da outra é exatamente a relação que a turma tem com o professor.

Diante do exposto, podemos entender a “bagunça”, como ação que parte de duas origens, a primeira é a que comumente é apontada, um movimento desordenado, regrado pelo desinteresse e pelo desrespeito à figura do professor. A segunda natureza que é válido apontar nesse trabalho, é o anseio massivo, por parte dos estudantes, de participar das aulas, em especial de aulas que permitem esse diálogo.

Já quando abordamos a questão da “ordem”, devemos ter em mente que o estudante contido em uma aula o um conjunto de aulas, pode gerar um comportamento mais hiperativo na aula em que considera menos importante ou que o professor não tem o controle da turma. É comum que quando pensemos em ordem em sala de aula, nos venha à mente, a imagem dos sistemas de ensino antigos, que tinham à palmatória ou o ajoelhar no milho como formas de manter o controle dos estudantes pelo medo. Bem, tal coisa já não mais existe. No entanto, o medo que antes se dava pela possibilidade de castigo físico, hoje se dá pelo “fantasma” do vestibular, em especial o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O que podemos observar nos vestibulares, em especial o ENEM, é a comum ênfase que é reservada para umas disciplinas mais do que para outras.

Isso se reflete dentro da escola, pois os estudantes dão mais valor as matérias com mais ênfase e menos valor para disciplinas que não são tão cobradas no vestibular. Dessa maneira, o medo da reprovação, que é plenamente enfatizada pelos professores das disciplinas mais cobradas, garante uma coesão, uma ordem, no tempo de aula. Da mesma forma, o inverso se torna visível, quando os estudantes liberam toda a energia contida naquelas aulas cujas disciplinas são menos cobradas no vestibular. Vale ressaltar também, que a ideia do controle pelo “fantasma do vestibular” não opera tão bem nas disciplinas que o aluno considera menos importante. Dessa maneira, o professor deve encontrar outra maneira de obter o controle da sala.

Entretanto, durante o tempo de observação no estágio, notei uma estratégia extremamente eficiente por parte de um professor, que partia do intuito de criar no ambiente, o respeito. Interessante apontar que diversas formas de alcançar o respeito são possíveis, já o medo se mostra bastante homogêneo. Outro ponto importante, é de que geralmente as aulas de Filosofia e Sociologia, são as únicas em que o estudante é convidado a participar mais ativamente. Acredito que isso seja um facilitador para a conquista do respeito dos estudantes. Nas escolas, o que observei foi que o professor é muito próximo dos estudantes, existe uma abertura para o diálogo informal, com piadas e comentários de uma realidade que os estudantes entendem. Podemos estabelecer, então, a ordem pelo medo como sendo de uma natureza distinta da ordem pelo respeito. Mais que uma imposição, essa segunda natureza é um pacto estabelecido entre os atores em sala de aula.

## 5. CONCLUSÕES

Pelo que pudemos observar até agora, a “bagunça” e a “ordem” que parecem tão claras em si mesmas, apresentam duas categorias distintas em seu âmago. Se por um lado, temos a bagunça como uma ameaça, que é tomada de regra enquanto um movimento de desordem pela hiperatividade, pela falta de educação ou mesmo de desinteresse, é possível observar uma segunda natureza que parte exatamente do interesse, do anseio por participação, e que tem por “gatilho” aqueles estudantes que, por características como a intensidade da voz, ou facilidade de falar em público, seriam atores de desordem de primeira natureza.

Quanto a ordem, podemos observar dois movimentos distintos. Se em um determinado momento a escola servia como disciplinadora pela violência física, hoje observamos uma violência simbólica, atrelada ao vestibular, que garante a ordem pelo medo como foi dito ao longo do texto. No momento em que esse “medo” passa a não mais ter efeito, em especial nas disciplinas menos cobradas, o professor deve recorrer a outras metodologias. O medo pode até funcionar enquanto caráter punitivo, como instrumento de combate à bagunça de primeira natureza, mas como foi demonstrado, os professores observados penderam para o respeito enquanto instrumento, um pacto entre as duas partes que garantiria a ordem. Essa segunda categoria da “ordem” pelo respeito, se mostra mais interessante por permitir o surgimento da bagunça por participação, pois o pacto estabelecido entre professor e estudante permite uma margem de participação que transpassa a ordem.

## REFERÊNCIAS

- DUBET, F. **Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor**. São Paulo, 1997.
- OLIVEIRA, R. O Trabalho do Antropólogo: Olhar, ouvir, escrever. **Revista de Antropologia**, USP, São Paulo, v. 39 nº 1, 1996.